

 **BNDES**

Histórias de Valor

10 Perspectivas sobre os Valores do BNDES



Histórias de Valor

10 Perspectivas sobre os Valores do BNDES

BNDES/PA
658.409
H6-332

4	Apresentação	
*		
7	Jeitinho 209725	
	<i>Bernardo Hauch Ribeiro de Castro</i>	
11	Hércules 209728	
	<i>Alcídina Magalhães da Cunha Costa</i>	
15	Sobre o compromisso com o desenvolvimento 209730	
	<i>Francisco Anibal Costa Sousa</i>	
19	Valores 209732	
	<i>Luiz Carlos Batista</i>	
23	Noção de liberdade 209729	
	<i>Alcídina Magalhães da Cunha Costa</i>	
27	E os valores, pra que valem? 209733	
	<i>Celso Evaristo Silva</i>	
31	Poliáutonomus 209734	
	<i>Fabrizio Ferreira Carvalho</i>	
35	Por um amanhã melhor 209735	
	<i>Fabrizio de Oliveira Souza</i>	
39	Uma grande e especial família 209726	
	<i>Ângela Regina Pires Macedo</i>	
43	O BNDES e o paradoxo aparente 209736	
	<i>Haroldo José de Jesus Cella</i>	



Apresentação

AC-209724
Ex. 1.17016847
CONSULTA

Ao longo de sua trajetória, o BNDES praticou, moldou e consolidou, de forma regular e permanente, um conjunto de valores ligados à Ética, à Excelência, ao Espírito Público e ao Compromisso com o Desenvolvimento. Esses valores fundamentais representam a própria essência do Banco e fornecem o lastro para o cumprimento de sua Missão. Eles formam também o pilar fundamental das condutas pessoais e institucionais em todos os planos.

Especificamente, o Compromisso com o Desenvolvimento representa nossa razão de ser; simboliza nossa responsabilidade de realizá-lo de forma sustentável e competitiva, com geração de emprego e redução das desigualdades sociais e regionais.

O Espírito Público, igualmente fundamental, simboliza nosso respeito à lei, à democracia, à diversidade. Ele nos lembra permanentemente que nossa conduta deve pautar-se pelos princípios da impessoalidade e da justiça, nos processos de análise, de decisão e de relacionamento com a sociedade.

A Excelência, por seu turno, é, a um só tempo, uma ambição e uma meta de cada empregado do Sistema BNDES e do conjunto do corpo funcional da Casa – a excelência profissional, a excelência no fazer – fundamentos de uma instituição eficiente.

Essa excelência no fazer e o compromisso com a Missão do BNDES ficam claros nos textos que foram enviados para o concurso “Uma História de Valor” – evento que faz parte da comemoração do ano de 2010 como o Ano dos Valores – e cujos dez vencedores aqui são apresentados. Tanto os autores escolhidos como todos os demais que participaram no concurso estão de parabéns por representarem, de forma tão diversa e criativa, ora com lirismo, ora com realismo, as crenças com as quais, todos os dias, construímos e reconstruímos esta nossa grande instituição.



Luciano Coutinho | Presidente do BNDES

Jeitinho

Bernardo Hauch Ribeiro de Castro



– Não tem um jeitinho?

A infelicidade de ouvir uma pergunta dessas... Por que comigo, meu Deus?

Já sei, era o financiamento. Seriam recursos que movimentariam um grande investimento, que gerariam empregos e renda, que melhorariam a qualidade de vida da vizinhança! Ele realmente precisava. Talvez fosse um ato de desespero!

Ou será que não? Que tipo de pergunta é essa? E feita desse jeito? Certamente significava algo. Talvez ele nem precisasse de tanto assim. Pode ser que nem existisse emprego algum! Só uma *mise-en-scène*?

Da dúvida, outra dúvida. Pois, aqui comigo, não parecia ser eu o único sujeito a tal teste. Não devia ser o financiamento. Afinal, vez ou outra o jornal trazia um escândalo de corrupção. Outro dia mesmo alguém na rua contara algo sobre uma cervejinha para um policial. E aquele caso do túnel! A coisa estava muito difundida!

Então, se não era pelo que eu representava, será que o problema era eu? Eu tenho cara de quem espera esse tipo de pergunta?

Fui me olhar no espelho...

Naqueles poucos segundos, vieram à tona aqueles pedidos de “especial atenção” de alguns políticos, seguidos da minha sistemática resposta: “Com a especial atenção dada a todos os projetos que passam por aqui.” Certamente o problema não era eu.

A exceção era ele!

Bons projetos, excelentes resultados, crescente motivação, inovação e o desenvolvimento. Minha vida toda tinha sido recheada de experiências com gente comprometida e íntegra! Jeitinho? Que nada...

Que alívio lembrar que vários grandes momentos de nosso Brasil tinham a minha participação e a de meus colegas suprimindo parte importante da materialização do que antes era mera ideia. Sem jeitinho.

Vi que a história que valia não era aquela que o face a face com aquele empresário me trazia. Não deprimia. A história era muito melhor.

Na repetição da pergunta, voltei para terminar o que nem havia começado:

– Hum, hum... Não tem um jeitinho?

– Tem. Claro que tem.

– É...

– Volte daqui a uns anos. Pense e reflita sobre o que aconteceu hoje. De empresários como você, já basta para o Brasil.



Hércules

Alcidina Magalhães da Cunha Costa

*"Cultivamos visão estratégica (...), inovadora e proativa que norteia nossas ações (...),
incansável esforço de superação e melhoria da qualidade de vida."
(Missão, visão, valores do BNDES)*

A
Acordou cedo. Não precisava olhar o relógio. Despertava sempre um pouco antes das sete, qualquer que fosse o dia da semana. Acomodou-se debaixo das cobertas, gostava daquele peso sobre o corpo. Fez suas orações: *"Com Deus me deito, com Deus me levanto, com a graça de Deus e do Espírito Santo!"* Planejou o dia, espreguiçou-se, cobertas para o lado, adeus, cama. Era sábado, dia de casamento, e gostava imensamente de cerimônias de casamento.

Estava sozinha. Dividia a casa com duas amigas, mas haviam viajado. A casa estava mergulhada no silêncio, na tranquilidade. Desceu as escadas correndo – um contrassenso, um risco, um hábito... Colocou a água para ferver e pôs a mesa. Mesmo sozinha, não abria mão da mesa posta. Um capricho, talvez, mas também um cuidado consigo mesma. Fez bastante café, recolheu o jornal deixado na porta e dedicou-se ao ritual matinal da leitura diária regada a potes de café preto, sem açúcar.

Olhou o relógio. O tempo voara. Precisava arrumar-se. O casamento seria às 11 horas. Excepcionalmente, permitiu-se um banho demorado: 10 minutos! Passou creme no corpo, secou os cabelos, colocou perfume, batom, rímel, vestiu o conjuntinho de calças, pretinho básico. Estava pronta. Na bolsa, um lençinho e as chaves de casa. Minimalista. Enrolou-se na *pashmina* vermelha, colocou o chapéu preto de cossaco com uma pérola na lateral, e esperou. Chegaria cedo à igreja, a tempo de ver toda a movimentação, observar os convidados e cada detalhe da decoração. Tudo é festa!



Aguardou por mais tempo do que seria prudente esperar, a carona não veio. Suspirou fundo e, resignada, ponderou suas opções. Queria tanto ir ao casamento... Imprevidente, não tinha um tostão em casa, portanto, táxi ou ônibus, nem pensar. Restava-lhe "Hércules". Por que não? Titubeou, mas decidiu: iria ao casamento de bicicleta, a velha, vermelha, charmosa "Hércules". Não foi uma decisão fácil. Colocou a bolsa a tiracolo, tirou a pérola do chapéu e usou-a para firmar a *pashmina*, respirou fundo e encarou o desafio com toda a dignidade possível.

Montou na bicicleta sentindo-se inadequada, pobre, infeliz, rejeitada, negligenciada, esquecida. No entanto, à medida que pedalava, crescia dentro de si uma deliciosa sensação de liberdade. Sentia-se revigorada, abençoada por ter sido despojada, até corajosa! No cruzamento, em direção à rua principal, diminuiu o ritmo, parou de divagar. O trânsito era intenso. Absorvida, não notou a comoção. Quando a percebeu, as pessoas acenavam-lhe e batiam palmas. Um senhor sorria-lhe e, tão distraído, quase se chocou com o poste. Devia estar sonhando! Dos ônibus, pessoas acenavam. Percebeu a cena cinematográfica que se descortinava aos olhos dos outros:

a *pashmina* vermelha voava e seu chapéu destacava-se, elegante, enquanto pedalava, rapidamente, em meio aos carros lentos, presos no congestionamento. Provavelmente, a imaginavam artista ou modelo, filmando um comercial de tevê? A esquecida tornara-se, em segundos, alguém definitivamente capaz de virar a cabeça de muitos pedestres e passageiros.

Sentindo-se vitoriosa, distribuiu sorrisos e até arriscou alguns acenos tímidos de mão. Determinada, pedalou mais forte para superar a subida íngreme que levava à igreja. Chegou de bochechas vermelhas e alma livre, leve e solta. Um possível embaraço tornara-se uma divertida carícia no ego e uma convicção na mente e no coração. Jamais seria a mesma! Amarrou a bicicleta ao poste, sorriu e decretou:

– Hércules, este é o primeiro dia do resto das nossas vidas!

Homenagem aos benedenses que não desistem nunca, aparecem pouco, superam obstáculos e promovem qualidade de vida e soluções de curto, médio e longo prazos, em toda instância, em qualquer medida, mesmo em pequenas e microdoses!

Sobre o compromisso com o desenvolvimento

Francisco Aníbal Costa Sousa

Desenvolvimento

Espírito
Público

exc

SOBRE O COMPROMISSO COM O DESENVOLVIMENTO

Nada nasce pronto nem pouco.
Já na semente se vê o fruto
Desengodando sua condição.
Certo do que pode a vida,
Já no embrião se planeja tudo
E é muito triste quando desfaz.
Pois não se trata de esperar demais:
Se a condição é desinibida,
A conclusão é irresistível.
Ora, este impulso de apreço e encanto
Pra prosperar num sujeito inteiro
A parte curta que andava só
É compromisso de brasileiro
Que, percorrendo o país completo ou quanto der,
E percebendo nos entes vivos como nos outros
Esta pujança que é dom divino
E as tais carências que nascem juntas,
Querer sua pátria desenvolvida
Cedendo um tanto da própria vida
Que nem a terra alimenta o grão
E que nem a mãe acompanha a filha
Pra ver se a ave sucumbe ao céu.

SOBRE O ESPÍRITO PÚBLICO

Público inclui. Privado respeita.
Público aceita. Privado reconhece.
Público aproxima. Privado separa.
Público junta. Privado nomeia.
Público harmoniza. Privado pontua.
Público respeita. Privado inclui.
Público reconhece. Privado aceita.
Público separa. Privado aproxima.
Público nomeia. Privado junta.
Público pontua. Privado harmoniza.

...

Cada parte, na verdade, se completa,
Se experimenta a contraparte certa.

SOBRE A ÉTICA

Ética é um acordo coletivo
Mais que uma promessa frouxa.
Nasce nos peitos e percorre as bocas
De modo a ganhar, aos poucos, uma forma.
Ética é traço, rabisco humano
Que, entre postulados e rodopios,
Corre do relativo pro absoluto
A administrar contingências.
Robustecendo esta fibra solta
Que vai ligando intenções profundas
E, em pouco tempo, nossos esforços.
Ética é força decantada
E vai juntando grãos pequenos
Que todo líquido descansa
Flutuados no tumulto.
E, assim, não seja susto que eu diga:
Que, em certo sentido atrevido,
Não existe entre a ética e a vida
Pedação que seja disjunto.

ética

elência

SOBRE A EXCELÊNCIA

Do que vales tu, Excelência,
Se nasceres da incrustada vaidade?
O homem morre e desfaz na ausência.
Sua excelência, a mesma sorte.
Do que vales tu, Excelência,
Perseguir por carência ou fulgor,
Persistir como dona do homem
Invadi-lo e usurpar sua paz?
Do que vales tu, Excelência,
Exibir-se pro incauto infeliz
Atiçando-lhe a ira maldita,
Atirando-lhe insulto infrator?
Entretanto, se nasce da vida,
E percebes no amor tua morada
E és inteira passando por nada,
Sendo a última, surges primeira,
Sim – perdoa este olhar labiríntico,
Mas teu vulto espreme-se em finito –
Tu terás os sábios como amigos,
Progredindo em dizer e canções.

SOBRE OS VALORES

Sendo pouca a opção na razão da proporção finita
– Sobretudo ponderadas restrições de instrumento –,
Todo homem eleger onde cabe o maior valor,
Mais ainda sabendo que é comprida a estrada,
E depois de distinguir formas no caos,
Todo homem, por impulso ou sorte,
Vai trocando muito por pouco
De modo a caber o máximo possível.
Nisso está um desafio enigmático,
Já que some a estrada e, do nada,
Sobrevivem valores repousados:
Onde fica a tal a dinâmica investida
Se com ela é que se aprende a caminhar?

Pois valores são expressões de vida
Definidos de modo a se compartilhar intimidade
Enquanto se provoca o tal conceito de busca.

valores



Valores

Luiz Carlos Batista

valores contemporâneos
para toda a gente
nascem do berço da casa do pai e das paisagens juvenis
confiança
comprometimento
realização
e nada mais
a beleza do belo aflora
nas coisas bonitas e não bonitas
nas garatujas de Goya
nas sombras de Poe
nas narrativas de Brás Cubas
na pintura
na literatura
no *dessin*

na rocha firme
que marca a presença
com riscos nas paredes de pedras
o comprometimento do homem
com o registro da história do seu tempo
o desenvolvimento intelectual do homem primitivo
a confiança na informação
o início da comunicação
um deus invisível
como o Hermes nascido da "re-leitura" da sua missão
comunicação
como a arte de deixar o pensamento
escrito ou falado
comprometido com o tempo em que se vive
com ética
com espírito de troca comum
público
e nada mais

sem confiança no próximo
não nasce o comprometimento
e não ocorre a realização do sujeito
como sujeito social
valores
de gente
ou de instituições
são atos e ações
que "pro-jetam" para adiante
aquilo que era para ser
e
se realizam no fazer acontecer a coisa pensada
comprometida com o bem comum
alicerçada na confiança
na verdade
em sentido metafórico
são virtudes do homem

espírito
ruach em hebraico
indole
caráter
pensamento
sentimento

tudo positivo
na essência do ser

marcando a rota da realização
do ser vivente nesta terra dos viventes
onde a vontade de potência de vida marca
com seus lanhos e riscos
a história da vida
ou a história da memória

quem sou eu afinal

aquele que traz
na memória
os valores marcados pelos antigos
e "re-marcados" pelos jovens

ética
espírito público
compromisso com o desenvolvimento
excelência

pétalas
preciosidades
palavras cheias de sentido
que encham de responsabilidade social
a coisa política
como aquela que pensa no bem comum

oh, realização!

quem sou eu afinal?

mestiço compósito
mesclado
ocelado
como o mestiço

intelectual

pensador
criativo inventor
que brinca com letras e palavras para enfeitar
o espírito
enfeitar o sopro da vida
falar da história
da instituição
que como célula *mater*
revigora o reinventar-se constante
de toda a gente

quem sou eu afinal?

BNDES

e nada mais

Noção de liberdade

Alcidina Magalhães da Cunha Costa



“Se os homens nascessem livres, não formariam nenhum conceito de bem e de mal, enquanto permanecessem livres.”

SPINOZA

“Respeitamos a individualidade, dignidade e privacidade de todos, valorizamos a diversidade e repudiamos qualquer forma de discriminação.”

MISSÃO, VISÃO, VALORES DO BNDES

Alguma coisa naquela mulher atraiu meu olhar. Minha atenção voltou-se inteiramente para ela. Quando percebi, a seguia com olhos, mente e coração. De repente, ela era um paradoxo, completo, irreconciliável, inadivável. Procurei aproximar-me, devagarinho, sondá-la, conhecê-la, pelo menos, até onde me deixasse chegar.

Sua aparência, relativamente bem-cuidada. Os cabelos, soltos, não estavam emaranhados. As mãos pequenas, de unhas limpas e curtas, uma exceção entre tantas outras, enormes e sujas. A saia longa, estampadíssima, esvoaçante e transparente, exceto por duas camadas de forro, não combinava com a blusa, lisa, verde-escuro, invernos, de mangas compridas. Recatada, diria minha avó, ainda que não usasse calcinhas de jeito nenhum, em circunstância nenhuma. Por vezes descalça, por vezes de tênis, ela não parava de andar. Pelo contrário, andava por toda parte, passo ligeiro como quem tem pressa, como quem, não tendo para onde ir, vasculha, explora, à procura de um canto que possa chamar de seu. Andava no asfalto e sobre pedras; no meio da rua, à beira da estrada; mato adentro, seguia todas as trilhas. Seu melhor passatempo, andar, andar, andar. O rosto bem magro, bem lavado, vivo, a pele clara, poderia até indicar que se alimentava bem, porém, como seria possível alimentar-se bem vivendo nas ruas?



A atração foi mútua. Ela gostou de mim, nem sei por que, jamais disse qualquer coisa. Mas sempre que eu chegava, como se me pressentisse, surgia logo depois, ligeira, entabulando conversa como se não estivéssemos fazendo nada de diferente há horas, há dias. Nem sempre desconexa, sempre intensa, continua, como se não houvesse pausas, muito menos ponto-final.

Vivia nas ruas há anos, estava perfeitamente adaptada. Inadequada era eu, querendo consertar, amenizar, diminuir seu desconforto, suprir suas necessidades, encaminhá-la de alguma forma, protegê-la. No entanto, tudo nela estava no lugar, enquanto tudo em mim estava em desalinho.

Voita e meia me pedia algo: dinheiro, meias, “joias”, dinheiro novamente, uma bolsa, um lenço... eu repetia sempre:

– Não tenho nada, tenho um abraço apertado, você quer? É de graça!

Jamais disse não.

Em algum momento, decidi trocar o abraço por calcinhas e comecei a “trabalhar” para que as usasse. No dia em que, finalmente, vesti uma, fiquei contente, convencida de que começava a protegê-la. Ela também ficou feliz, na verdade, felicíssima, me abraçou pela primeira vez, dançou, deu piruetas e demos boas risadas juntas.

Duro pouco. Alguns dias depois, assim que me viu, começou a gritar que eu a estava agarrando e berrava, implorava, chorava, gesticulava:

– Sai de mim, sai de mim, me larga, me larga...

Pior ainda, escondeu-se com medo de mim. E ficou ainda pior: vociferava contra mim com tal violência, que eu era obrigada a sair de perto. Nunca mais sorriu ou quis chegar perto... Passou a vagar e orbitar a distância, me recriminava baixinho, olhando-me de lado. Permaneceu assim por muitas semanas, até que entendi que seria assim para sempre. Não me despedi, simplesmente não voltei, nunca mais.

Minha noção de liberdade, uma prisão para ela. Minha noção de proteção, uma invasão. Minha noção de certo, completamente equivocada. Minha dedicação a ela, alheia, impessoal, insensível. Ela, um paradoxo; eu, sem noção.

E os valores, pra que valem?

Celso Evaristo Silva

princípios orientadores de nosso comportamento e atitudes

Os valores são princípios orientadores de nosso comportamento e atitudes. Não são a única fonte de energia motivacional que nos impulsiona, talvez nem a principal, como lembravam alguns pensadores como Freud, Marx e Nietzsche, mas o significado por nós atribuído ao que fazemos, queremos e defendemos advém, em grande parte, dos valores internalizados ao longo da vida.

Porém, eles são marcados por ambivalência importante: têm implicações universais e particulares, ou seja, precisam ser reconhecidos pela coletividade, aceitos pela maioria e, ao mesmo tempo, fazer sentido para cada pessoa. Se cada indivíduo é único, a maneira de como se apropria de um valor também o é.

Outra questão relevante é a de serem os valores absolutos ou historicamente determinados. O que é válido hoje sempre o foi e sempre o será? O que permanece e o que muda no entendimento de um valor? Quais fatores condicionam essa mudança?

Por essas e outras, precisamos, com certa frequência, refletir sobre nossos valores, compreender o que neles é essencial e permanente, e o que inevitavelmente muda conforme as circunstâncias e o passar do tempo.

O surgimento dos valores organizacionais não se dá por geração espontânea. É um processo contínuo e sutil de internalização adaptativa de valores já existentes na sociedade da qual a organização faz parte. As organizações, assim como nós, vão sedimentando, durante sua existência, valores fundamentais, os quais, em graus diferentes de intensidade, são compartilhados por dirigentes e empregados, percebidos por clientes e fornecedores; enfim, os valores reforçam a imagem das organizações diante do mercado e da sociedade, dando-lhes identidade, distinguindo-as das demais.

Vivemos uma época especial. O ritmo frenético das mudanças desencadeado pelas inovações tecnológicas, a formação de uma economia articulada em escala global com taxas de acumulação de capital jamais vistas anteriormente, bem

como a existência de padrões de consumo condicionados pelas premissas anteriores proporcionaram, entre muitas maravilhas, o aparecimento da "economia do efêmero", ou seja: produtos, mercadorias, serviços, ideias, padrões de comportamento passam da novidade à obsolescência num clique de *mouse*. De aparelhos sofisticados a relacionamentos, tudo tende a ficar "ultrapassado" antes que nos tenhamos dado conta disso. O mercado, com sua lógica implacável, assim o quer.

Diante do império do "aqui e agora", marcado pela compulsão para consumirmos o novo e descartá-lo como sucata logo adiante, como princípios tendentes à universalidade e perenidade podem fincar raízes, amadurecer e aspirar ao *status* de valor?

No mundo "calidoscópico" em que vivemos, os valores são fonte de manutenção de um mínimo de regularidade em nosso autorreconhecimento como indivíduos que fazem parte de uma coletividade, e também no sentido que as organizações buscam para sua existência.

Se tudo muda rapidamente, como um sistema de valores, pode permanecer em nossas mentes, em nossas empresas, em nossas vidas, garantindo a identidade continuada de pessoas e organizações?

Os valores são a "alma" de uma organização. Assim, poderiam eles, atendendo ao espírito de nosso tempo, serem trocados a cada estação sem descumprir seu papel de elemento catalisador da missão, das estratégias, de ações e processos organizacionais no longo prazo?

Se os valores naufragam no mar agitado do cotidiano mutante, trocados por outros mais "moderninhos", adaptados às conveniências de mercado, as organizações perdem aquilo que lhes dá o tão importante sentido de unidade dentro do fluxo das constantes transformações.

Por outro lado, não mexer nos valores, não submetê-los ao rigor da crítica, deixar de vivenciá-los em contínuo cotejamento com a realidade pode comprometer sua capacidade de nos servir como fonte de inspiração renovadora.

Valores cristalizados, imóveis, inexpugnáveis são como solenes estátuas em praça pública: servem apenas de obstáculo para a indiferença dos passantes e de anteparo para o calço das aves empoleiradas.

Enfrentar tal dilema constitui-se hoje num dos importantes desafios do mundo corporativo e das pessoas, em geral. No processo dialético entre razão e emoção, os valores podem conduzir a sínteses interessantes, desde de que não percam sua vitalidade. Em suma: precisamos praticá-los para mantê-los vivos.

A sociedade brasileira empresta ao BNDES recursos e confiança. Cabe a nós retribuir com talento e responsabilidade. Nossos valores essenciais – Ética, Compromisso com o Desenvolvimento, Espírito Público e Excelência – devem estar presentes na análise de cada projeto, nos financiamentos concedidos, nas relações entre colegas, fornecedores e clientes; no cotidiano profissional de todos empregados desta casa.

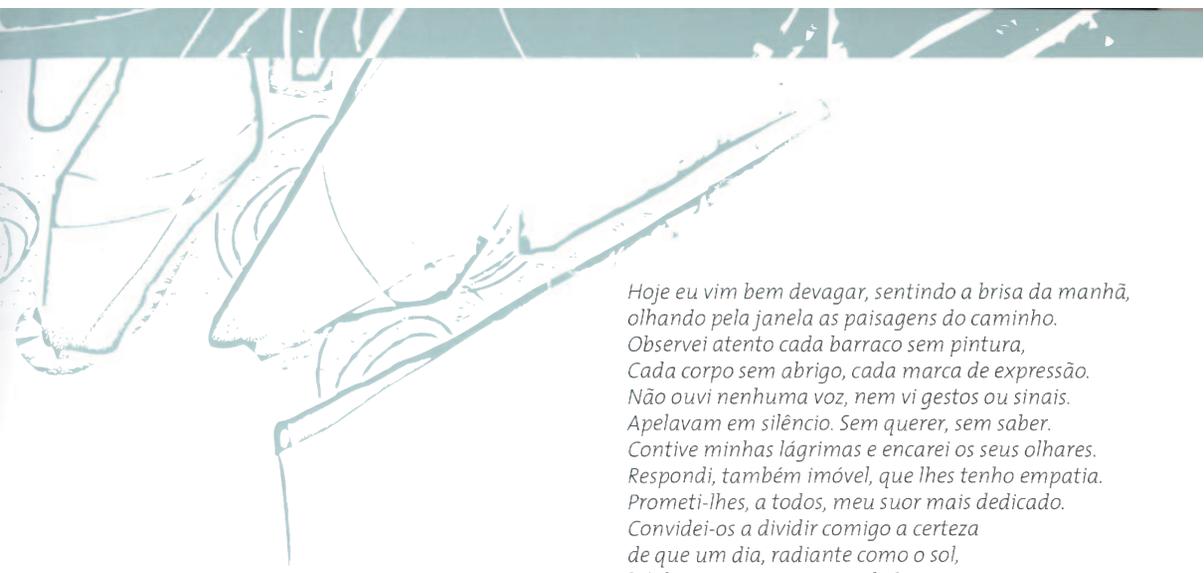
Afinal... se não for pra valer, pra que servem os valores?

Poliautonomus

Fabrício Ferreira Carvalho

Por um amanhã melhor

Fabício de Oliveira Souza



*Hoje eu vim bem devagar, sentindo a brisa da manhã,
olhando pela janela as paisagens do caminho.
Observei atento cada barraco sem pintura,
Cada corpo sem abrigo, cada marca de expressão.
Não ouvi nenhuma voz, nem vi gestos ou sinais.
Apelavam em silêncio. Sem querer, sem saber.
Contive minhas lágrimas e encarei os seus olhares.
Respondi, também imóvel, que lhes tenho empatia.
Prometi-lhes, a todos, meu suor mais dedicado.
Convidei-os a dividir comigo a certeza
de que um dia, radiante como o sol,
há de vir a recompensa pela luta que travamos.*

Uma grande e
especial família
Ângela Regina Pires Macedo

No auge de minha juventude, aos 21 anos, no início da segunda metade da década de 1970, ingressei no BNDE (ainda sem o "S"): um banco também adolescente e pleno de energia!

Lá encontrei uma acolhida terna, carinhosa e amiga, que somente pessoas especiais são capazes de expressar.

Nosso Brasil fervilhava de carência de bens e serviços próprios e explodia com a energia de uma moçada que buscava seu espaço e suas realizações. Substituição de importações era o norte que o Banco de então perseguia!

E parte daquela moçada chegava ao BNDE como um bando de andorinhas no cair da tarde, com sua alegria a assustar os mais velhos e quebrando a rotina. O susto durava pouco, logo se via que aqueles jovens tinham, correndo nas veias, o compromisso com o desenvolvimento do país. Mostravam-se incansáveis no trabalho, muitas vezes até altas horas para dar conta daquele ritmo acelerado que o Brasil vivia.

E pensar agora, no século XXI, que nem computadores pessoais existiam. Planilhas de projeções, riscadas com capricho em papel quadriculado, com régua e lápis e muita competência.

Assim, buscava-se adivinhar o futuro: 10 anos – era muito tempo...

E os financiamentos iam saindo dos números riscados nos quadrinhos e se transformando em chaminés e fumaças; cimento, papel e aço; plásticos e brinquedos. Empregos bons e ruins, progresso e poluição. Era a época do Brasil grande, saído do berço esplêndido, desperto!

Aquela moçada ganhou reforço: novas daquelas espécies raras se agregaram ao movimento e num só prédio já não cabiam. Espalhados ao longo da Avenida Rio Branco, sentiam-se saudosos da família reunida. Um novo lar era preciso!

Mas que estranho lar ganhamos...

Um prédio enorme, preto, cintilante no meio do verde de Bulevar Max e com tubulações pintadas de cores berrantes. Confesso que não gostei!

Mas, ter a família novamente reunida era tão bom que aquele gigante ficou terno como o olhar para uma flor negra, rara, brotada e crescida naquele jardim maravilhoso!

E a família reunida tinha na força da ética a cola que a unia, todos amalgamados pelo calor vindo dos corações bombeando, sem parar, compromisso com um país melhor e mais justo.

Justo...? Sim!

Veio o "S", meio que empurrado, última letra a reboque, como um carro novo, luzente, puxando outro necessitado de atenção e reparos...

Éta letrinha complicada esse "S"...!

E a família ganhou novos membros que falavam uma língua um pouco diferente. Palavras novas pelos corredores e andares foram por alguns logo assimiladas: meio ambiente, pobreza, igualdade; controle social; ECA; investimento social e outras mais. Como vindo de fora para dentro, como o vento, o sentido dessas novas palavras iam abrindo as janelas, invadindo as salas e se instalando nos corações.



Essas janelas nunca mais foram fechadas, embora ainda hoje a luz seja insuficiente para iluminar todo o espaço, tenho certeza de que, dentro daquele prédio preto, muitas estrelas estão brilhando forte, como num céu invertido.

Paro agora e olho para trás: lá se vão mais de trinta anos, não sinto na alma que todo esse tempo se passou...

E como num filme refilmado, com outros atores e efeitos especiais de alta tecnologia, mas o mesmo *script*, vejo tudo de novo acontecer: a família agora ganhou muitos jovens membros. E essa moçada, plena de energia, trabalhará com ética, amor e afinco, cultivando com especial cuidado a excelência, honrando este importante símbolo dos quatro que temos no braço de nossa família!

O país ferve, borbulha de necessidades, algumas são as mesmas da minha juventude: agora novamente insatisfeitas; outras, nunca atendidas – passivo social, como se costuma dizer...

Sociedades mais organizadas exigindo cada vez maior transparência e organizações maduras, muitas delas presentes no mundo hoje globalizado e com comunicação instantânea (penso agora nas redes virtuais como os quadrinhos do papel quadriculado de minhas antigas planilhas ganhando vida e se espalhando infinitamente pelo espaço...).

E os jovens membros de nossa família, altamente preparados, antenados e tecnológicos, têm nas mãos as ferramentas necessárias para construir um novo ciclo de desenvolvimento, agora com um BNDES maduro, quase sessentão!

Respeitado com seus cabelos grisalhos e sua sabedoria, mas com um desafio que é o mesmo de tempos atrás: aquele "S", rebocado, precisa virar a locomotiva!

Ou talvez, como um navio quebra-gelo, possa sair na frente abrindo o caminho para que as demais letras, unidas, naveguem com segurança e na direção do desejo dos brasileiros de ter um porto seguro.

Desta vida, algumas certezas eu tenho:

- fiz um bom trabalho; um trabalho digno, amoroso e do qual me orgulho: servi à nação e a seus cidadãos!
- tenho muitos irmãos e primos queridos nesta nossa família, alguns mais velhos e outros mais novos;
- tenho uma imensa gratidão por esta casa que a mim acolheu, viu crescer, educou e proveu;
- que morrerei um dia, feliz por ter sonhado e realizado ("nada acontece antes de ser sonhado!").

Neste mundo cada vez mais instável e carente de humanidade (e não do bicho-homem: nunca a Terra foi tão "humana"...), a incerteza maior para a nossa família não é nova, de vez em vez eu a escutei, sussurrada pelos corredores: quanto tempo nossa casa ficará de pé e nos acolherá?

Mas a natureza mostra que árvores centenárias existem e são lindas!

Penso que a nós benedenses basta ser "naturais", na vida pessoal e profissional: viver as intempéries sem nos esquecermos dos valores essenciais; sem nunca nos esquecermos de que existimos para ser úteis aos outros seres da natureza, sem importar a que reino pertencam! E que um dia, com a meta de trabalhar para construir o país que todos almejam, possamos todos os brasileiros se considerar parte de nossa família.

Vida longa à nossa grande e especial família!



O BNDES e o paradoxo aparente

Haroldo José de Jesus Cella

“Não se pode fazer uma omelete sem quebrar os ovos.”

O velho ditado caiu como uma luva para as obras de melhoria na escadaria que dá acesso ao prédio do BNDES para quem vem do Largo da Carioca e vice-versa, obra essa realizada com vistas à transformação em verdadeira escada de parte da arquibancada do anfiteatro ao ar livre (que vinha há tempos sendo utilizada como pseudoescada, apesar da altura excessiva dos “degraus”).

Mas o que vinha à mente de quem passava por ali todos os dias, durante o período em que durou a obra, não era só a sensação do incômodo passageiro provocado pelo estreitamento provisório do acesso, que causou o afunilamento do fluxo de pessoas numa espécie de “corredor” em forma de escada. Ao mesmo tempo e, talvez, até por conta disso, aumentou visivelmente o número de desempregados, acompanhados de crianças, provavelmente orientadas pelos primeiros – posicionadas estrategicamente no local, quase que impedindo a passagem – para atuar como pedintes ou vendedores de bananas, chicletes etc. Até aí, nada de incomum para quem mora numa cidade que ainda ostenta um grande contingente de vítimas do desemprego, como é o caso do Rio de Janeiro. Mas só quem passou por lá durante o período da obra, principalmente na hora do almoço, num daqueles dias em que era preciso enfrentar uma verdadeira “fila” para poder descer ou subir o “corredor-escada”, percebeu que, mais do que insólita, a situação era algo paradoxal. Especialmente quem vinha do Largo da Carioca em direção à escada e era surpreendido com a imagem do BNDES ao fundo e, em primeiro plano,

um bando de desempregados, sentados ou deitados ao longo da arquibancada, e uma dezena de crianças pedindo, vendendo algo, ou simplesmente brincando por ali, sob o olhar atônito de quem tentava passar.

Se um fotógrafo, portando seu equipamento, estivesse passando por ali num momento desses e fotografasse a cena, a foto certamente daria o que pensar. E aqueles que assistiram ao ato ao vivo, até mais de uma vez, ficaram com a lembrança da imagem aparentemente paradoxal e uma pergunta martelando na mente: **“Como pode o BNDES, principal órgão governamental de fomento e financiamento do desenvolvimento econômico e social do país, responsável, ao longo de mais de meio século, pela geração de imensurável número de empregos diretos e indiretos em praticamente todos os setores da economia, beneficiando áreas imensas, nas regiões mais longínquas do Brasil, não ter encontrado uma forma de atuar e exercer seu papel numa área tão pequena e tão próxima?”**

A pergunta pode até ser facilmente respondida por quem entende um pouco das políticas operacionais e da forma tradicional de atuação do Banco. Afinal, o Brasil é um país de contrastes, ainda em fase de desenvolvimento. Além disso, o problema do desemprego e do subemprego transcende as fronteiras, sendo um fenômeno mundial extremamente complexo, que ocorre mesmo nos países ditos desenvolvidos, e é provocado por inúmeras variáveis, dependendo da solução da forma como o problema se apresenta em





cada local etc. etc. etc. Mas outra pergunta logo vem à mente: **“Não seria essa imagem do prédio do BNDES – cercado pelo desemprego e pela exploração do trabalho e da mendicância infantil – um reflexo simbólico e emblemático da falta de um grande e verdadeiro projeto governamental de desenvolvimento econômico e, principalmente, social para o Brasil?”**

Essa é outra pergunta que os técnicos e acadêmicos mais familiarizados com as políticas governamentais nas áreas econômica e social não teriam dificuldade para responder, negando, é claro, que uma coisa tenha relação direta com a outra, dada a complexidade e especificidade do tema etc. etc. etc.

Não obstante as explicações e justificativas técnicas e/ou acadêmicas que possam ser dadas, o fato é que o BNDES, ao mesmo tempo em que tem buscado sempre novas formas de cumprir sua nobre missão de promover o desenvolvimento econômico e social do país, graças à competência e criatividade históricas de seu corpo funcional, continua, como que paradoxalmente, servindo de cenário para a encenação diária de um drama econômico-social que, infelizmente, ainda faz parte da triste rotina diária de muitos brasileiros, principalmente nas grandes cidades.

Essa constatação só aumenta a responsabilidade de todos aqueles que ostentam, diariamente, o crachá verde e branco, com a logomarca *BNDES*, enquanto pensam, discutem, planejam e executam políticas, estratégias e ações concretas para apoiar projetos geradores de renda, emprego e inclusão social.

Desse modo, o aparente paradoxo apresentado pela dura realidade do desemprego e das desigualdades de renda, assim tão perto do BNDES que pode ser vista da janela, ou alcançada com poucos passos, só pode levar o *beneditense* a encarar com mais empenho, seriedade e determinação o desafio permanente de cumprir sua missão, com ética, compromisso com o desenvolvimento, espírito público e excelência. Somente a adesão firme e convicta de cada um a esses valores, a princípio intangíveis, pode nos dar a certeza de que estamos no caminho certo, ainda que a realidade tangível ainda possa colocar em dúvida nossa capacidade.

Mais do que ideais a serem atingidos, os valores que norteiam a atuação do BNDES deverão continuar sendo, como têm sido até aqui, balizadores reais do trabalho de todos os que passam a maior parte do seu dia trabalhando no arranha-céu fumê da Avenida Chile. Assim como a geração passada e a atual já viram como esses valores foram capazes de realizar inúmeras transformações positivas na realidade de milhões de brasileiros, as gerações futuras serão testemunhas de como a “realidade intangível” que tais valores representam se converterá cada vez mais em uma “realidade tangível” de desenvolvimento sustentável e plena geração de riqueza e trabalho, em cada região e local onde o BNDES aporta seu capital financeiro e humano.

E no dia em que, olhando pela janela ou caminhando à volta do grande monólito negro, não se vir mais sombra de desemprego e exclusão social, então teremos certeza de que o paradoxo era apenas aparente e que, assim como é preciso quebrar os ovos para se fazer a omelete, também é preciso primetiro quebrar os fundamentos da desigualdade econômica e social para então se realizar, com justiça e equidade, o desenvolvimento nacional.



*Editado pelo Departamento de Divulgação
Dezembro de 2010*